



ESTUDOS LITERÁRIOS:

ISSN: 1517-7238

Vol. 12 nº 23

2º Sem. 2011

p. 187-212

**VOZ POÉTICA FEMININA NA ERA BLOG:  
“OS CASOS DA MARIA CLARA”**

**POETIC VOICE FEMININE  
IN THE BLOG ERA:  
“THE CASES OF MARIA CLARA”**

Hercília Maria Fernandes<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na linha de pesquisa “Cultura e História da Educação”, PPGEd/UFRN/Natal-RN. Professora Assistente na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Centro de Formação de Professores (CFP), Unidade Acadêmica de Educação (UAE), Campus de Cajazeiras-PB. E-mail: [fernandeshercilia@yahoo.com.br](mailto:fernandeshercilia@yahoo.com.br)

**RESUMO:** O artigo reflete a voz poética feminina na contemporaneidade, especificamente na "era blog". Expande a ideia de que a poesia feminina, na produção contemporânea, transcende aos valores da tradição falocêntrica e do misticismo religioso que, em períodos anteriores, contribuíram para sufocar vozes; remetendo as mulheres, em suas práticas de leitura e escrita, à expansão de uma "poética do silêncio". O texto desenvolve alguns elementos imbricados na criação feminina atual, situando a poesia elaborada por mulheres, na virtualidade, como uma escrita que se define pela diversidade de atmosferas, temas e linguagens. Para tal feito, o artigo apresenta os dados de uma vivência literária desenvolvida na Internet por doze autoras que se encontram em diversas localidades do Brasil e apresentam formações e atuações profissionais várias em suas práticas cotidianas. Com essas atitudes, o estudo, ao debater a multiplicidade que perpassa a produção poética de mulheres na contemporaneidade, situa "os casos" da obra "Maria Clara: uniVersos femininos" - coletânea nascida em um novo espaço de escrita e textualização -, no cerne das discussões sobre gênero e poesia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero e poesia. Era blog. Maria Clara: uniVersos femininos.

**ABSTRACT:** This article talks about the female contemporary poetry, specifically in the era of blogs. It explores the idea that female poetry, in the contemporary production, surpasses the value of phallogocentric tradition and religious mysticism that previously contributed to suffocate voices, referring women, as for their practices of reading and writing, the expansion of a silent poetry. This text develops some elements of the current female creation, placing poetry written by women in the virtual world defined by the diversity of environment, theme and languages. Thus, this paper presents data from a literary experience on the internet by twelve writers from all over Brazil. They differ in their professional and educational daily practices. Once the article discusses the multiplicity of forms of contemporary poetics on feminine writing production, it presents the case study "Maria Clara: universos femininos" - a collection born in a new genre and context -, in the realm of gender and poetry.

**KEYWORDS:** Gender and poetry. Blog Era. Maria Clara: uniVersos femininos.

## INTRODUÇÃO

As novas tecnologias da comunicação e informatização fazem parte do mundo contemporâneo. Integram o cotidiano e o imaginário social dos escritores e escritoras do século XXI, que substituíram a antiga máquina de escrever pelo computador e por ferramentas cada vez mais interativas de

criação (VIEGAS, 2007); produzindo um novo espaço de escrita e textualização em que se multiplicam as linguagens e os saberes (MARCUSCHI, 2004).

Para os grupos sociais historicamente desprestigiados pelos cânones literários - mulheres, negros, homossexuais... -, a Internet promove a reverberação instantânea de suas vozes. Pode, então, ser compreendida como “mais valia” para aqueles que, em razão da “dominação simbólica”, tiveram o direito negado à livre consciência e ao poder da palavra (BOURDIEU, 1999).

No tocante à relação mulher e mídia, o meio digital tem favorecido o acesso das mulheres às esferas públicas. Oferece inúmeras possibilidades de criação, circulação, e maior participação na produção do conhecimento e das artes. Aspectos que contribuem para a construção de uma identidade feminina pautada nas especificidades das mulheres como sujeitos históricos, que se reconhecem, simultaneamente, naquilo que é universal e distintivo às suas vidas.

Segundo Coelho (1999) e Barboza (2009), as ideias do multiculturalismo, por volta dos anos de 1970 e 1980, favoreceram ao rompimento da visão eurocêntrica de arte, de literatura, de gênero, etc. Em relação à identidade das mulheres, já não se concebe a mulher mediante único paradigma de etnia, formação, comportamento e orientação sexual. Já não se fala, portanto, em “universo feminino”, posto se compreender que há, em torno das mulheres, inúmeras categorias que dizem respeito às diversas concepções, modos de vida, formações, linguagens, cotidianos. Enfim, há em torno das mulheres uma multiplicidade de valores que as distingue enquanto sujeitos de historicidade (FERNANDES, 2010).

Todavia, conforme refletem os estudos de Cerqueira; Ribeiro & Cabecinhas (2009), a escrita das mulheres, na contemporaneidade, ainda atravessa exclusões determinadas pelas relações de poder entre gêneros; tendo em vista que: “as mídias convencionais continuam a silenciar, secundarizar e excluir as suas vozes” (CERQUEIRA; RIBEIRO; CABECINHAS, 2009, p. 113). Nesse sentido, é preciso

considerar que, apesar das mudanças motivadas pela busca de uma identidade pautada na diversidade dos universos das mulheres (COELHO, 1999, 2002; BARBOZA, 2009), ainda pesa sobre a escrita feminina o jugo do passado, das sombras e luzes que, paradoxalmente, compuseram a historio(grafia) das mulheres.

Porém, compreende-se que há, na criação literária produzida na Internet, especificamente nos *blogs*, um “movimento de resistência” aos ditames da tradição falocêntrica e do misticismo religioso que, em períodos anteriores, contribuíram para nomear a escrita feminina como algo de segunda grandeza (DUARTE, 1997). Sendo o acesso das mulheres à criação, na virtualidade, uma possibilidade de transgressão aos valores dominantes, de empoderamento cultural e construção de uma identidade feminina portadora de singularidades históricas e culturais.

Dessa forma, o artigo, por meio da “análise de conteúdos<sup>2</sup>” (BARDIN, 1977), reflete a produção poética elaborada por mulheres na contemporaneidade. Para tal feito, serão expressos os dados de uma vivência literária desenvolvida, na Internet, por doze autoras que se encontram em diversas localidades do Brasil e apresentam formações e atuações múltiplas em suas práticas cotidianas. Com essas intenções, o texto propõe situar “os casos” da obra *Maria Clara: uniVersos femininos*, coletânea nascida em um novo espaço de escrita e textualização, no cerne das discussões sobre gênero e poesia.

---

<sup>2</sup> A análise de conteúdo consiste um método de investigação, que almeja o desvelamento de mensagens discursivas. Aparece como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 1977, p. 38). O analista trabalha com vestígios descobertos na própria investigação e tira proveito do tratamento da análise: “O analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula, para inferir (deduzir de maneira lógica) conhecimentos sobre o emissor da mensagem ou sobre seu meio” (BARDIN, 1977, p. 39).

## VOZ POÉTICA FEMININA: DO SILÊNCIO À TRANSGRESSÃO

Por que a ciência nos é inútil?  
 Porque somos excluídas dos encargos públicos.  
 E por que somos excluídas dos cargos públicos?  
*Porque não temos ciência.*  
 (Nísia Floresta)

A presença feminina na literatura integra a história das mulheres em busca de maior participação nas esferas públicas das relações e constituição de uma identidade feminina pautada na consciência de eu e de mundo das mulheres. Diferentemente da visão falocêntrica, então dominante, reproduzida historicamente por meio da ideologia cristã-burguesa-patriarcal, disseminada por meio da atuação da família, da Igreja e da escola que “objetivamente orquestradas”, segundo Bourdieu (1999, p. 103-104), “tinham em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes”.

Perpassa, portanto, as relações de poder entre gêneros, cuja força dominante - a visão masculina -, negara as mulheres o direito à opinião. Consequentemente, à criação literária que, em um passado recente, consistia uma atividade exclusivamente masculina, haja vista que o acesso à educação formal, portanto à reflexão sistemática e à cultura elaborada, não era extensivo a ambos os sexos.

Com o advento da razão moderna, do capitalismo e da revolução industrial, as mulheres passaram a receber uma formação institucional feminina. E, apesar dessa formação ser marcada por ideologias, serve-lhes como ponto de partida para o questionamento dos valores hegemônicos, cujas concepções associaram as competências naturais das mulheres a visões distorcidas do feminino, relacionando-as a imagem idealizada de Maria, cuja maior qualidade residia, sobremaneira, na maternidade (ARCE, 2002; FERNANDES, 2008).

A partir do século XIX, ver-se surgir um longo processo de convocação das mulheres para as esferas públicas, sobretudo às produtivas, o que emergem as exigências do letramento, da acessibilidade ao conhecimento elaborado,

enfim de uma escolarização. Na França, as autoridades sensibilizadas com a obra *Como Gertrudes ensina a seus filhos* (1801), do educador suíço Pestalozzi (1746-1827), reconhecem que é preciso investir na educação formal feminina para que se fortaleça humana, política e economicamente a nação. Valores que se ampliam em todo Ocidente, expandindo-se pelas vias da literatura pedagógica e das artes, de um modo geral (FERNANDES, 2008; SCHAFFRATH, 2000).

No tocante às artes visuais, essas considerações podem ser refletidas a partir da obra *Woman Reading*<sup>3</sup> (1875-1876), do pintor francês Pierre-Auguste Renoir (1841-1919) que, “entre sombras e luzes, traduz as aspirações burguesas em torno da educação feminina” (FERNANDES, 2010, p. 15). Além disso, destaca-se, na produção artística do impressionista, uma série de quadros envolvendo a prática de leitura realizada por mulheres, cujas atividades aparentemente se limitam a “tranquilos passeios em jardins parisienses, piqueniques em bosques, festividades caseiras, [...] rodeadas por flores” (RIZZI, 2010, p. 253).

Todavia, a história da mulher escrevente não se fez tranquila como as paisagens retratadas por Renoir. As autoras tiveram que enfrentar, ao longo dos séculos, inúmeros obstáculos para expor uma voz firmada nas especificidades que permeiam a subjetividade das mulheres.

No Brasil, é somente por volta do final do século XIX que surge uma escritura elaborada por mulheres. E, inicialmente, essa atividade era exclusiva às jovens e às senhoras da aristocracia que disponham de maior acessibilidade à erudição. Todavia, no início do século XX, ver-se lentamente surgir uma escrita transgressora, liberta dos valores da tradição. Nos primeiros anos de publicação feminina, as vozes das brasileiras expandiam uma “poética do

---

<sup>3</sup> A obra *Woman Reading*, de Renoir, é a arte que ilustra a capa da obra *Maria Clara: uniVersos femininos* (FERNANDES, 2010), cuja experiência literária desenvolvida por 12 autoras na Internet, especificamente na *Blogosfera*, o artigo insere no centro das discussões sobre gênero e poesia.

silêncio”, cujos poemas seguiam as formas literárias dominantes e desenvolviam temáticas inspiradas ora na cultura greco-latina<sup>4</sup> (GOTLIB, 2002), ora em temas relativos ao amor a Deus, à família, aos cuidados com as crianças; apresentando, em versos e prosa, conteúdos morais vinculados ao didatismo escolar (FERNANDES, 2008)<sup>5</sup>.

Nesse primeiro momento de participação feminina na imprensa, na literatura, na educação... não havia, ainda, a externalização de uma imagem feminina construída pelas próprias mulheres, tendo em vista que a sociedade patriarcal exigia das mulheres um comportamento feminino meigo, dócil, compatível com as representações angelicais, que povoavam o imaginário masculino.

Até por volta do século XX pesava sobre a escrita feminina o interdito à opinião e ao sexo (COELHO, 2002; GOTLIB, 2002). Não era de bom tom uma mulher externalizar apelos sensuais, posto entrar em conflito com os valores propagados pelo discurso moralista religioso. Tampouco exibir

---

<sup>4</sup> Na linha da tradição herdada, até por volta dos anos de 1920, persistem os moldes parnasianos na poesia, na trilha de um dos maiores líderes do movimento: Olavo Bilac. Esse é o caso da escritora Francisca Júlia, que mantivera um repertório temático greco-latino e cultivara sonetos imitados dos poetas homens que considerava bons mestres. Para Mário de Andrade, conforme destaca Gotlib (2002), a obra de Francisca Júlia se apresentava demasiadamente didática e gelada, por isso sacrificava a poesia à arte de fazer belos versos.

<sup>5</sup> No entre-séculos, seguindo o ditatismo de Olavo Bilac e parceiros, bem como envolvidas com as novas teorias do desenvolvimento infantil e ideais do realismo pedagógico dos anos de 1940, muitas escritoras dedicaram-se à tarefa de escrever para crianças a partir do binômio *utile et dulce*. Através de livros de leitura, expandiram conteúdos associados às ideologias construídas em torno do Novo Homem e Nova Civilização. Essas primeiras produções continham elevado grau de sentimentalismo e exerciam, além do ambiente escolar, ressonâncias sobre os comportamentos das famílias brasileiras. Dentre as escritoras que se dedicaram à literatura pedagógica, no período, destaca-se o nome da poetisa e educadora Cecília Meireles (1901-1964) que, em suas primeiras obras infantis, apresentara concepções abstratas e idealizadas do feminino, bem como de criança, família e escola (FERNANDES, 2008).

uma consciência crítica da realidade, questionadora dos valores patriarcais, já que a demonstração de uma postura político-social dizia respeito às atuações masculinas nas esferas comunicativas e administrativas da sociedade. Assim, não foram raras as publicações femininas anônimas, em geral com uso de pseudônimos masculinos. Em casos mais gritantes, a apropriação indevida de obras femininas por autores masculinos, assim como a censura familiar à publicação de livros de poemas. Essa realidade pode ser explicitada a partir das vivências literárias pertinentes à escritora potiguar Auta de Souza, autora de *Horto*, que teve seus poemas de amor reprovados pelos irmãos intelectuais, também poetas, por considerá-los inapropriados à exposição pública (DUARTE, 1997).

Paradoxalmente, se os valores da tradição falocêntrica e do misticismo religioso conclamavam um comportamento por parte das mulheres apropriado às imagens idealizadas de feminino. Por outro lado, os cânones literários desmereciam as produções feitas por mulheres por considerá-las “açucaradas”, desprovidas de conteúdo humano, excessivas em sentimento e imagística, portanto sem qualidades literárias. Para exemplificar o paradoxo entre os valores socialmente aceitos e os impostos às mulheres, bem como os padrões literários hegemônicos, convém mencionar a reação de Graciliano Ramos ao estabelecer contato com a obra *O quinze*, de Raquel de Queiróz:

O quinze caiu de repente ali por meados de 30 e fez nos espíritos estragos maiores que o romance de José Américo, por ser livro de mulher e, o que na verdade mais causava assombro, de mulher nova. Seria realmente de mulher? Não acreditei. Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça: - Não há ninguém com este nome. É pilhéria! Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado! (RAMOS, apud DUARTE, 1997, p. 92).

As contradições, então existentes, entre os valores pertinentes ao público e ao privado para homens e mulheres,

revelam que a dominação masculina, segundo Bourdieu (1999, p. 86), impõe uma ordem social que atua:

[...] como um mercado dos bens simbólicos dominado pela visão masculina: ser, quando se trata das mulheres, é, [...] ser percebido, e percebido pelo olhar masculino ou por um olhar habitado pelas categorias masculinas – as que se aplicam sem que seja possível enunciá-las de modo explícito, quando se elogia uma obra de mulher porque ‘feminina’ ou, pelo contrário, ‘nada feminina’. Ser ‘feminina’ é essencialmente evitar todas as propriedades e práticas que podem funcionar como signos de virilidade, e dizer de uma mulher de poder que é ‘muito feminina’ não é senão uma maneira particularmente sutil de se lhe denegar o direito a esse atributo propriamente masculino que é o poder.

Entretanto, com a propagação das ideias do Feminismo, ver-se surgir, no Brasil, uma poesia transgressora em que as mulheres revelam maior consciência de si mesmas e do outro/mundo. Para Coelho (2002), essa realidade pode ser explicada pelo naufrágio da razão moderna e do sistema patriarcal herdado, que oferecem tessitura à literatura para auscultação e registro do caos em que o mundo mergulhou. E, em relação à voz feminina, a escrita feita por mulheres assume expressiva relevância para compreensão das mudanças em curso; considerando que:

[...] se nesse naufrágio de valores as coisas mudaram de maneira irreversível para o homem, em relação à mulher, tais mudanças evoluíram em proporção geométrica e *alteraram não só o seu lugar na sociedade, mas principalmente sua consciência do próprio eu em relação à imagem-de-mulher da Tradição e em face do mundo em transformação* (COELHO, 2002, p. 17, grifos nossos).

Nos anos de 1970 e 1980, a poesia feminina passa a revelar o que as mulheres têm a “dizer”. O momento expressa a busca das mulheres por uma identidade feminina enquanto sujeitos, cujas autoras expandem “uma voz de mulher desencantada, que conquista a liberdade, mas descobre que

esta não foi ainda incorporada pelo sistema...” (COELHO, 2002, p. 18). Assim, o período caracteriza-se por uma fase de críticas e denúncias, onde se destacam desafios aos cânones que alteram não apenas a escrita elaborada por mulheres. Mas, igualmente, as suas leituras de mundo que, materializadas em escrituras literárias, questionam os valores historicamente herdados. Essas considerações podem ser examinadas na produção poética de Adélia Prado, Lya Luft e Hilda Hilst. Autoras que indagam a repressão secular, as estruturas patriarcais de poder e a condição feminina. E revelam as ideias, os sentimentos e a sexualidade da mulher brasileira (BARBOZA, 2009).

No século XXI, a poesia envereda pelo experimentalismo e por caminhos cada vez mais abertos. Em um mundo em que se anulam as fronteiras entre o virtual e o real, a sociedade sexófoba - fundada no interdito ao sexo -, é invadida pela sexofilia, pelo sentir/entendimento do corpo; cujos poetas e poetisas compreendem que: “da palavra de cada um depende a reinvenção e renomeação do mundo. Todos os estilos são válidos” (COELHO, 2002, p. 18).

Nesse contexto de mudanças constantes, de revolução tecnológica e maior acessibilidade à comunicação e à informação, as mulheres adquirem maior consciência das especificidades de suas vozes. Buscam edificar, parafraseando Virginia Woolf (1985), “um teto todo seu” em que as sombras do passado, das tradições herdadas, consistem pontos de partidas para reinvenção do presente. São essas questões que se refletirão no próximo item através da exposição de uma vivência literária desenvolvida na Internet, cujas mediações entre as autoras, no meio digital, resultaram na publicação do livro *Maria Clara: uniVersos femininos*.

## MULHER E POESIA NA ERA BLOG: OS CASOS DA MARIA CLARA

A Internet, com seus múltiplos espaços de comunicação e informação, tem contribuído para formar uma nova racionalidade pautada na “subjetividade opinativa” (RODRIGUES, apud CERQUEIRA; RIBEIRO; CABECINHAS,

2009, p. 117). Diversos sujeitos sociais, então excluídos dos meios tecnológicos convencionais, têm experimentado, através dos espaços virtuais, dentre eles os *blogs*, o prazer de difundir as suas ideias e sentimentos; participando mais ativamente da produção de linguagens e saberes.

No tocante à participação das mulheres, verifica-se um grande número de escritoras e poetisas na virtualidade. Na Blogosfera, cenário virtual que aglomera inúmeras propostas de escrita e leitura literárias, dentre elas a poesia, as mulheres têm vivenciado uma oportunidade ímpar de construção de “um teto todo seu”. Buscam instaurar a identidade de suas vozes que, na contemporaneidade, se concebe heterogênea e, simultaneamente, portadora de singularidades. Entretanto, a busca pela identidade das vozes femininas não condiz, exclusivamente, ao direito à expressão. Mas, simultaneamente, à afirmação das singularidades que permeiam as vidas das mulheres. Tendo em vista que os gêneros são construções históricas, aos quais foram atribuídos diferentes papéis nas práticas sociais, cujas ressonâncias delimitaram subjetividades e relações de poder entre homens e mulheres (BOURDIEU, 1999; SCOTT, 1990).

Dessa maneira, contrariamente aos cânones literários que desprestigiam a criação poética feminina, compreende-se que as mulheres contemporâneas – detentoras de formações, leituras e inúmeras experiências de mundo -, buscam expandir um discurso em que o “eu” das mulheres se apresenta, de fato, “feminino”. Tal realidade implica em uma percepção pautada nas distintividades de seus próprios universos, nas suas diversas maneiras de sentir, refletir e, conseqüentemente, externalizar o mundo.

É dentro desta perspectiva de análise que se concebe a composição poética de 12 autoras que integram o *blog* voltado à apreciação de poesia feminina *Maria Clara: simplesmente poesia*<sup>6</sup>; cuja proposta *online* resultou na publicação do livro

<sup>6</sup> Para visitar o *blog* *Maria Clara: simplesmente poesia*, ver o endereço eletrônico: <http://mariaclara-simplesmentepoesia.blogspot.com/>

*Maria Clara*: uniVersos femininos. Obra estruturada em 256 páginas distribuídas em “apresentação”, “prefácio”, “12 capítulos” e “posfácio”. Tendo sido publicada pela LivroPronto Editora, de São Paulo-SP, e lançada durante a 21ª. Bienal Internacional de Livros de São Paulo, em agosto de 2010.

A ideia de reunir, em único espaço virtual, as 12 poetisas que compõem a coletânea *Maria Clara*: uniVersos femininos - cujas vozes expandem-se, na obra, em capítulos individuais intitulados com os próprios nomes e/ou representações imagéticas pertinentes às autoras -, surgiu nas próprias situações de interação entre as poetisas que participam, entre si, do processo de criação e fruição literárias, na Internet, por intermédio de *blogs* pessoais. Assim, o blog *Maria Clara*: simplesmente poesia, como espaço destinado à produção literária elaborada por mulheres, foi criado nos fins de 2008 e início de 2009 com o objetivo de, *a priori*, favorecer a leitura e a produção de saberes. Sendo composto por colaboradoras, cujas publicações realizam-se, mensalmente, por ciclos de postagens.

Os *blogs*, segundo Blood (apud CERQUEIRA; RIBEIRO; CABECINHAS, 2009), consistem páginas na Internet atualizadas com certa regularidade. As páginas se apresentam dispostas em forma de *posts* e permitem combinar texto, imagem e som. Os *blogs*, além dos *links* nas escritas dos *posts*, que encaminham os leitores para outros locais na rede, dispõem de *blogroll*, isto é, uma lista de *blogs* que o autor acompanha e que serve para identificação do grupo e/ou tribo a qual o autor blogueiro e/ou *blogger* pertence ou deseja pertencer.

A interação entre autores e leitores, na rede virtual, é assegurada por caixas de comentários, através das quais os internautas oferecem opiniões sobre as postagens, podendo esse contributo ser ou não moderado pelos *bloggers*. Para Robert Macdougall (apud CERQUEIRA; RIBEIRO; CABECINHAS, 2009, p. 116), as pessoas participam nos *blogs* de forma a interagir com um público invisível, porém os *bloggers* respondem aos comentários como se estivessem numa situação de interação social real.

Essas últimas enunciações podem ser consideradas a partir das interações entre as autoras que compõem o blog *Maria Clara*: simplesmente poesia que, além de reunirem as suas vozes para construção de um ambiente virtual próprio, materializaram as suas ideias, sonhos e sentimentos em suporte material impresso; ampliando, assim, as expectativas e experiências de leitura e escrita vivenciadas no âmbito da virtualidade.

São elas, segundo a ordem alfabética dos nomes: **Adriana Godoy** (Belo Horizonte–MG); **Adriana Riess Karnal** (São Leopoldo–RS); **Hercília Fernandes** (Caicó–RN); **Lara Amaral** (Brasília–DF); **Lou Vilela** (Recife–PE); **Maria Paula Alvim** (Belo Horizonte–MG); **Mirze Souza** (Rio de Janeiro–RJ); **Nina Rizzi** (Fortaleza–CE); **Renata Aragão** (Juiz de Fora–MG); **Talita Prates** (Cajuru–SP); **Úrsula Avner** (Belo Horizonte–MG); e, **Wania Victoria** (Porto Alegre–RS).

As autoras apresentadas são possuidoras de origens, formações e contextos múltiplos. Não havendo, portanto, um ideal único ou padrão estabelecido de linguagem literária e orientação referencial. Poder-se-ia destacar, como homogêneo no grupo, o amor à poesia, o zelo à palavra e o profundo respeito à expansão de suas vozes. Apesar de integrarem um mesmo ciclo de relacionamentos na Blogosfera que, por sua vez, apresenta certa afinidade de grupo social. Nesse sentido, as vozes das *marias claras*<sup>7</sup> podem ser definidas pela pluralidade, considerando que são pertinentes a mulheres com formações e atuações na educação, na medicina, na história, no direito, no jornalismo, na administração... Mas, que se dedicam, também, às relações afetivas, aos cuidados com a família e a casa, e, simultaneamente, à arte de criar e apreciar poesia.

<sup>7</sup> Ao longo do texto destacam-se duas formas de grafar o nome “Maria Clara”.

Em relação aos títulos do *blog*, bem como da obra em análise, utiliza-se iniciais “maiúsculas”. E, quando em referência às autoras, adota-se letras iniciais “minúsculas” como forma de posicionamento político perante as relações de dominação que, simbolicamente, compuseram a categoria gênero e a historiografia das mulheres (SCOTT, 1990).

Além das singularidades expressas, as *marias* localizam-se em diferentes lugares do Brasil, do Norte ao Sul, o que permite uma miscigenação cultural patrocinada pela multiplicidade de contextualizações e linguagens. Essas anúncias apresentam-se sintetizadas na voz da poetisa **Lou Vilela**, que apresenta, no poema *Às Marias* (VILELA, 2010, p. 99-100), a diversidade dos uniVersos femininos das *marias claras*:

Hoje é dia de Maria...

Maria dos morros dos velórios  
das sacadas das calçadas [...]

Maria da fome, dos talheres de prata  
erudita popular  
("ir-me-ei...; toma lá da cá!")

Bruta lapidada  
peçonhenta panaceica  
(dese)equilibrada  
puta indissoluta  
(r)evolução estelar

Todas belas, todas manias  
com ou sem cria  
Marias emoção!

Sim, todo dia é dia de Maria!  
que tomba levanta que sonha  
que cala, das vozes-maria

Maria (im)perfeição  
Maria poesia

- Ave, Maria!

Segundo Coelho (1999), a consciência histórica das situações de opressão e violências simbólicas que permeavam

o cotidiano das mulheres levou à crise do discurso masculino hegemônico. Assim, poder-se-ia elucidar que a expansão da crítica feminista favoreceu a ruptura dos valores da tradição falocêntrica e do misticismo religioso que, em períodos anteriores, submeteram a escrita feminina a uma poética do silêncio.

No tocante à criação das *marias claras*, verifica-se que as autoras buscam estabelecer as suas identidades como sujeitos históricos ao imprimir, no mundo, uma consciência crítica de seus universos. Por isso convocam os leitores, no dizer da prefaciadora, prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Santana Souza, “a pensar, principalmente, sobre a condição de mulher, essa espécie ainda envergonhada, na definição de Adélia Prado” (SOUZA, A. S., 2010, p. 15).

Não se esquivam, portanto, em pronunciar opiniões em torno das relações humanas, das ideologias e convenções que perpassam as práticas sociais. Essas elucidacões podem ser apreciadas no poema *Filosofia barata* (GODOY, 2010, p. 30), da autora **Adriana Godoy**, de Belo Horizonte-MG. No texto, a poetisa questiona as desigualdades e exclusões disseminadas no organismo social, chamando atenção para as inversões históricas convencionadas por ideias que atribuem, às problemáticas sociais, explicações sobrenaturais:

reverencio os mistérios  
mas não os creio divinos

a dor e o sofrimento não são divinos  
a humanidade feder e exalar horrores [...]

há mistérios multitudinários  
mas ninguém escolheu  
comer o pão que o diabo amassou  
ser miserável ter fome e desprezo  
lutar em uma guerra inaceitável e desigual  
morrer aos milhões por bala perdida ou por pão  
à míngua ou solidão?

não me fale em livre arbítrio  
a escolha não é essa  
quem escolheu sofrer até a exaustão?

reverencio os mistérios  
mas não me fale em deus<sup>8</sup>

Além de inquietações sociais, há na criação poética das *maris* a externalização dos desejos sensuais das mulheres em que o discurso feminino transgride as normas da convenção e os interditos sexuais, apresentando consciência espiritual e corpórea em versos ardentes e sensuais. Conforme se observa no poema *A um poeta* (RIZZI, 2010, p. 161), da historiadora e poetisa **Nina Rizzi**, residente na cidade de Fortaleza-CE:

eu vou te lendo e pouco a pouco  
meus olhos verdes, beijo lento, alcançam  
o azul das melancolias de picasso;

meu corpo renascentista, fremente, vai  
braillando, incendiando como um poema

A clareza das mudanças de valores que permeiam as vozes femininas na contemporaneidade, seja no plano das ideias, da linguagem ou dos comportamentos femininos, aparece externalizada, com notória elegância semântica, em o texto *Poeta* (KARNAL, 2010, p. 53), da professora **Adriana Riess Karnal**<sup>9</sup>, de São Leopoldo-RS:

Quisera eu ser poeta  
indecente  
Pura pretensão.  
Poeta é Adélia, Hilda e Clarice.  
Poucas verdadeiras o são.

<sup>8</sup> Em sua criação, Adriana Godoy, assim como várias autoras na obra, aboli o uso de letras iniciais maiúsculas, demonstrando uma consciência política da linguagem diferentemente dos cânones da gramática normativa.

Poeta tem língua incandescente  
dente amarelado do palavreado  
do palavrão [...]

Escrita com tinteira  
Elegante  
Quisera eu ser poeta  
e ter meu livro na estante.

Nesse sentido, uma das qualidades das vozes que compõem a obra *Maria Clara*: uniVersos femininos diz respeito à abertura da linguagem à metalinguagem, à intertextualidade e às diversas referências de leitura. As *marias* revelam que, para além das faculdades imaginativas, refletem paradigmas e dominam técnicas de composição. Essas elucidações se apresentam em *Elementar* (ARAGÃO, 2010, p. 181), da poetisa **Renata Aragão**, de Juiz de Fora-MG, em que a autora expande por meio de um sentir/pensar/fazer metalinguísticos uma soma de elementos que povoa o ser e/ou a condição do poeta:

De que é feito o poeta?

De matéria  
etérea  
ou concreta?

Do fato  
que vivencia  
ou da utopia  
que projeta?

Ele é feito  
de sopro  
ou de barro?

Ele habita  
o corpo  
ou a alma?

O poeta levita  
ou mergulha?

A escrita  
lhe é fagulha  
ou despiste?

O poeta acredita  
que existe?

Em relação aos elementos rítmicos e sonoros, destaca-se a criação da médica **Maria Paula Alvim**, de Belo Horizonte-MG. Em o poema *Mulheres tônicas* (ALVIM, 2010, p. 119), texto que se expande em 6 (seis) atos, a poetisa esbanja humor, ludicidade e movimento rítmico ao fazer uso de proparoxítonas e aliterações com a consoante “r”. Segundo se pode ler em o primeiro ato do texto intitulado *Cândida, a médica*:

Era a tímida típica, estrábica, pálida e asmática. Espírito ético, pródigo.  
Engolia críticas e sapos pétricos. Máscara pacífica.  
Apesar da sólida clínica, lágrimas a faziam líquida. Naufraga sem fôlego.  
Morreu de cálculo nefrético crônico. Trágica estatística, a propósito.

Para Souza A. S. (2010, p. 16), a criação poética das *marías* realiza “iluminuras poéticas várias, surpreendendo, não raro, as expectativas do leitor”. Assim, outra nuance de suas vozes refere-se às figuras de linguagem. Segundo declara a crítica no prefácio intitulado *Noivas na estante*: “Não é possível citar todas as vezes que fui freada por figuras como cachorros, carro quebrado e ursos brancos ou um realista *mea culpa*. O riso de um ataque de nervos também me surpreendeu, assim como uma rua suja de despeitos” (SOUZA, A. S., 2010, p. 16-17).

Dessa maneira, destacam-se, nos poemas, metáforas associadas às imagéticas de borboletas, corujas, vaga-lumes,

cachorros, ursos, pássaros, etc. Assim como aos quatro elementos alquímicos: a terra, o fogo, a água e o ar. Igualmente, o sol, a lua, as estrelas, as nuvens, a luz e a escuridão povoam o imaginário poético das autoras. Essas qualidades expandem-se em os versos de *Vozes da escuridão* (AVNER, 2010, p. 229), da psicóloga **Úrsula Avner**, poetisa de Belo Horizonte-MG:

quando a noite repousa  
estrela despenca do céu  
borboleta corre ébria e nua  
absoluta  
coruja pia  
lamento de quem vigia  
o sono da noite

Imagens ligadas às memórias, às gostosuras, às meiguices e às desilusões dos sonhos de menina igualmente reverberam em suas vozes. Essas entonações fluem em versos imagéticos e autobiográficos<sup>10</sup> nos poemas *Doce de batata* (VICTORIA, 2010, p. 237), da poetisa **Wania Victoria**, médica em Porto Alegre-RS. E, em *Duas vidas* (AMARAL, 2010, p. 83), da poetisa brasileira, formada em jornalismo, **Lara Amaral**. Leiam-se os fragmentos textuais:

Minha avó e eu sentávamos no chão  
Passávamos horas recortando receitas de doces  
E colando em um grosso caderno de capa dura  
Lambuzávamo-nos nas palavras [...]  
Entre risadas e garfadas  
Fartávamo-nos de vida

<sup>9</sup> Adriana Riess Karnal é também tradutora, como costuma dizer em seu *blog*, “nas horas vagas”. Aproveita-se a ocasião para agradecer a sua contribuição no *abstract* deste artigo.

<sup>10</sup> Na obra *Maria Clara*: uniVersos femininos apresentam-se vários poemas com viéses memorialísticos, dentre os quais destacam-se: *Queridas avós*, de Lara Amaral (2010, p. 93) e *Sell*, de Renata Aragão (2010, p. 193).

Ela já se foi, faz tempo  
 Mas naqueles dias que a saudade em mim transborda  
 Feito leite quente derramado depois que ferve  
 Me pego folheando meu caderno de receitas  
 Meu doce álbum de fotografias.

A criança dentro de mim  
 Vez ou outra aparece  
 Me prega peças [...]

Me pergunta onde estão os sonhos  
 As paixões, todos aqueles planos  
 Por que estou na contramão?

Só sei dizer que o carro quebrou  
 Antes de eu conseguir  
 Tentar outra direção.

As dores e os sofrimentos femininos também ressoam nos poemas e repercutem sobre os sentidos e sentimentos dos leitores, como em os versos de *Autorretrato* (SOUZA, M., 210, p. 139), da poetisa **Mirze Souza**, do Rio de Janeiro-RJ. Na escrita, por meio de afirmações e negativas, a autora revitaliza as cores, as formas e as sombras do passado herdado. Porém, ao estabelecer analogia com a obra inacabada de Mondrian, aponta a uma perspectiva futura:

Sou a lágrima furtiva  
 O engano em forma de vida  
 Da fotografia, sou o negativo.  
 Na natureza, sou o desvio.  
 Não sou a sombra, sequer o abrigo.  
 Do destro, sou a mão esquerda  
 Na companhia, sou a ausência  
 Das palavras, sou o silêncio,  
 Sou o ápice da dor.  
 Sou o espinho que feriu  
 Em forma de coroa, o Criador.  
 Sou a mãe que não vingou

Borboleta sem cor  
 Perdida num mundo  
 Imundo de amor?  
 Sou a obra inacabada  
 de Mondrian,  
 Sou o que ele não acabou.

A consciência histórica de eu feminino, bem como a transgressão aos valores da tradição, trafega toda a criação poética das *maria*s. No texto *Da justificativa* (PRATES, 2010, p. 200), a psicóloga e musicista **Talita Prates**, de Cajuru-SP, atenta às deformações que, simbolicamente, constituíram as representações femininas. Em versos livres e criativos, a poetisa acena aos desperdícios de vida então configurados pelas promessas dos ideais românticos:

: que ela espera  
 o dia  
 - grande dia!  
 em que o fato  
 notável (quase mágico)  
 justificará sua vida.  
 (aprenderá - em tempo  
 que o Sentido  
 - maior  
 não vem de fora?  
 , nem veste trajes de pompa?)

[  
 intriga-me  
 o quanto de vida  
 se perde na espera de:  
 ]

Esperar, historicamente, segundo elucidada Souza A. S. (2010), tem sido uma das atividades das mulheres: “Esperar a chegada do amado, a hora do parto, o príncipe encantado, o reconhecimento de seu trabalho e de sua arte”. Todavia, as vezes das poetisas contemporâneas, ao transformar “as esperas

em matéria de poesia” (SOUZA, A. S., 2010, p. 17), expandem a convicção de que pode “haver felicidade sem que se precise morrer” (FERNANDES, 2010, p. 66). Essas elucidações fazem sentido se se considerar, conforme poetiza Fernandes (2010, p. 64), que:

Meu eu feminino é concha  
entreaberta. Ninho de possibilidades  
onde se interpõem lépidas  
promessas.

Meu eu feminino transpõe *animus*  
: tem pressa!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as reflexões delineadas ao longo deste artigo, entende-se que a criação poética elaborada por mulheres na contemporaneidade, especificamente na “era blog”, busca instaurar uma identidade própria às mulheres pautada nas singularidades dos universos femininos.

Se até pouco tempo, a escrita feminina portava inexpressiva valorização, esse desmerecimento por parte dos cânones literários se configurou devido as privações e as exclusões a que foram submetidas as mulheres nas práticas sociais cotidianas. Não se trata, portanto, de as mulheres escreverem de forma “goiabada”, excessivamente sentimental, segundo elucida a poetisa Nina Rizzi em sua escrita de posfácio na obra *Maria Clara* (RIZZI, 2010, p. 255).

Se as mulheres, por longos anos, escreveram banalidades e trivialidades do cotidiano feminino, essa realidade se deve ao fato de terem sido anuladas, historicamente, como sujeitos por ideologias construídas através da categoria gênero (SCOTT, 1990), que, aos homens, favoreceu o empoderamento e, às mulheres, o claustro, o interdito, o silêncio.

Todavia, as mudanças em curso, especialmente as tecnológicas, contribuem para que se realize um movimento de resistência aos valores herdados. Colaboram para que as mulheres encontrem as singularidades de suas vozes por meio da consciência histórica das sombras do passado que, segundo elucida Coelho (1999, 2002), apontam caminhos à “clara” compreensão do presente.

Assim, a criação poética e a interação entre autoras e autores nos *blogs* podem oferecer abertura ao empoderamento das mulheres, considerando que os *blogs* têm se revelado instrumentos capazes de proporcionar mudanças na cultura, na comunicação, no jornalismo, nas relações sociais, já que abrem “caminhos à democratização ao acesso à palavra, ao espaço público, ao enriquecimento da conversação social” (PINTO, apud CERQUEIRA; RIBEIRO; CABECINHAS, 2009, p. 117).

Além de consistirem instrumentos de participação social, os *blogs* promovem experimentações artísticas. Dada a constituição do espaço, em que se podem combinar múltiplas linguagens, o *blog* amplia horizontes de escrita e ressignificações textuais. Através do uso de hipertextos, as escritoras e os escritores inauguram um novo espaço de escrita e textualização que apresenta vantagens ao processo de criação (MARCUSCHI, 2004. Levam os internautas a participar mais efetivamente da elaboração textual, tornando-se, simultaneamente, autores e interlocutores de obras literárias (MARCUSCHI, 2004, p. 83).

É nesse contexto de mudanças de mentalidades, de subjetividades opinativas e rebeldes, de novos espaços de produção de saberes e poéticas várias que se situam os “casos” da *Maria Clara*: uniVersos femininos. Criação poética de 12 vozes contemporâneas que, além de envolver ternura, sensualidade, subjetivismo e intensidade - qualidades do lirismo feminino -, expande uma multiplicidade de tons - por vezes graves e dissonantes -, e uma variedade de referências nos seus (en)cantos poéticos. Atributos literários que não passam despercebidos e, como tais, reverberam a

historio(grafia) das mulheres, cujas escrituras mostram-se capazes de inaugurar, parafraseando Adélia Prado, “reinos e linguagens” (FERNANDES, 2010, p. 14).

## REFERÊNCIAS

- ALVIM, Maria Paula. Mulheres tônicas. In: FERNANDES, Hercília (Org.). *Maria Clara: uniVersos femininos*. São Paulo: LivroPronto Editora, 2010, p. 119.
- AMARAL, Lara. Duas vidas. In: FERNANDES, Hercília (Org.). *Maria Clara: uniVersos femininos*. São Paulo: LivroPronto Editora, 2010, p. 83.
- ARAGÃO, Renata. Elementar. In: FERNANDES, Hercília (Org.). *Maria Clara: uniVersos femininos*. São Paulo: LivroPronto Editora, 2010, p. 181.
- ARCE, Alessandra. *A pedagogia na “Era das Revoluções”*: uma análise do pensamento de Pestalozzi e Fröebel. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- AVNER, Úrsula. Vozes da escuridão. In: FERNANDES, Hercília (Org.). *Maria Clara: uniVersos femininos*. São Paulo: LivroPronto Editora, 2010, p. 229.
- BARBOZA, Cátia A. V. A dessacralização do cânone: uma visão feminina. *Revista Científica Semioses*, v. único, página especial, 2009. Disponível em: <<http://apl.unisuam.edu.br/semioses.old/artigo.php?ed=Especial&art=64>>. Acesso: 5 out. 2010.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Oeiras: Celta, 1999.
- CERQUEIRA, Carla; RIBEIRO, Luísa Teresa; CABECINHAS, Rosa. Mulheres & Blogosfera: contributo para o estudo da presença feminina na “rede”. *Ex aequo*, n. 19, p. 111-128, 2009.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2001)*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.
- \_\_\_\_\_. O desafio ao cânone: consciência história X discurso em crise (apresentação). In: CUNHA, Helena Parente (Org.). *Desafiando o cânone: aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e na poesia (anos 70/80)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.
- DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. *Revista de Estudos Avançados*. São Paulo, v. 49, p. 81-90, 2003.
- \_\_\_\_\_. O cânone literário e a autoria feminina. In: AGUIAR, Neuma (Org.). *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, p. 85-94, 1997.

(Coleção Gênero, v. 5).

GODOY, Adriana. Filosofia barata. In: FERNANDES, Hercília (Org.). *Maria Clara: uniVersos femininos*. São Paulo: LivroPronto Editora, 2010, p. 30.

GOTLIB, Nádya Battella. A literatura feita por mulheres no Brasil. In: ANPOLL, 2002. Boletim do GT A Mulher na Literatura. Florianópolis: Editora da UFSC. v. 9. p. 102-139. Disponível em: <[http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo\\_Nadia\\_Gotlib.htm](http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo_Nadia_Gotlib.htm)>. Acesso em: 7 out. 2010.

FERNANDES, Hercília (Org.). *Maria Clara: uniVersos femininos*. São Paulo: LivroPronto Editora, 2010.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: FERNANDES, Hercília (Org.). *Maria Clara: uniVersos femininos*. São Paulo: LivroPronto Editora, 2010, p. 11-14.

\_\_\_\_\_. Arranjo. In: FERNANDES, Hercília (Org.). *Maria Clara: uniVersos femininos*. São Paulo: LivroPronto Editora, 2010, p. 64.

\_\_\_\_\_. As delícias. In: FERNANDES, Hercília (Org.). *Maria Clara: uniVersos femininos*. São Paulo: LivroPronto Editora, 2010, p. 66.

FERNANDES, Hercília M.. *Cecília Meireles e a Lírica Pedagógica em Criança meu amor (1924)*. Natal-RN: UFRN, 2008, 189 p. (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

KARNAL, Adriana Riess. Poeta. In: FERNANDES, Hercília (Org.). *Maria Clara: uniVersos femininos*. São Paulo: LivroPronto Editora, 2010, p. 53.

MARCUSCHI, L. A. O hipertexto como novo espaço de escrita em sala de aula. In: *Linguagem & Ensino*, v. 4, n. 1, p. 79-111, 2001.

PRATES, Talita. Da justificativa. In: FERNANDES, Hercília (Org.). *Maria Clara: uniVersos femininos*. São Paulo: LivroPronto Editora, 2010, p. 200.

RIZZI, Nina. A um poeta. In: FERNANDES, Hercília (Org.). *Maria Clara: uniVersos femininos*. São Paulo: LivroPronto Editora, 2010, p. 161.

\_\_\_\_\_. Posfácio. In: FERNANDES, Hercília (Org.). *Maria Clara: uniVersos femininos*. São Paulo: LivroPronto Editora, 2010, p. 253-255.

SOUZA, Ana Santana. Noivas na estante (prefácio). In: FERNANDES, Hercília (Org.). *Maria Clara: uniVersos femininos*. São Paulo: LivroPronto Editora, 2010, p. 15-17.

SOUZA, Mirze. Autorretrato. In: FERNANDES, Hercília (Org.). *Maria Clara: uniVersos femininos*. São Paulo: LivroPronto Editora, 2010, p. 139.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SCHAFFRATH, Marlete dos Anjos Silva. Profissionalização do magistério feminino: uma história de emancipação e preconceitos. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23, Caxambu, 2000. *Anais...*, 2000. Disponível em: <<http://168.96.200.17/ar/libros/anped/0217T.PDF>>. Acesso em: 16

fev. 2011.

VILELA, Lou. Às Marias. In: FERNANDES, Hercília (Org.). *Maria Clara: uniVersos femininos*. São Paulo: LivroPronto Editora, 2010, p. 99-100.

VICTORIA, Wania. Doce de batata. In: FERNANDES, Hercília (Org.). *Maria Clara: uniVersos femininos*. São Paulo: LivroPronto Editora, 2010, p. 237.

VIEGAS, Ana Cláudia Coutinho. Escritas contemporâneas: literatura, internet e a 'invenção de si'. *Cadernos de Letras da UFF – Letras & Infovias*, v. 32, p. 61-72, 2007.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.